

Três cartas em resposta a Thomas Maack

São Paulo, 8 de maio de 1991

Prezados Senhores:

Com referência ao artigo intitulado “Considerações pessoais sobre a repressão interna na Faculdade de Medicina da USP no ano do Golpe Militar”, de autoria do prof. T. Maack, que recebi por intermédio da Coordenadoria de Comunicação Social da USP, creio pertinente as seguintes considerações:

1º) O documento é caracterizado pela falta de objetividade, falseamento doloso da realidade, leviandade, além de não dar o tratamento sério que o assunto exige, referindo-se “de maneira solta a um emaranhado de eventos” (as aspas indicam palavras do autor). A sua análise pormenorizada só redundaria em tirar o meu tempo e dos leitores de atividades produtivas e construtivas relacionadas ao desenvolvimento deste país. Por esse motivo, visando objetividade e veracidade, estas considerações são muito mais curtas e muito menos “soltas e emaranhadas”, e evitam misturar repressão e atividades extra-universitárias com as universitárias.

2º) O artigo, publicado em revista do padrão que a *Revista USP* vem mantendo até agora, contém afirmações levanias, das quais cito três exemplos.

O *primeiro* é quando o prof. T. Maack jacta-se que o seu mentor “espiritual e científico” (aspas minhas) transformou o seu escritório particular dentro da Faculdade de Medicina em motel gratuito.

O *segundo* exemplo refere-se às acusações feitas no documento (*sem prova nenhuma*) de que um docente da Faculdade de Medicina fumava maconha (“puxava seu fuminho” – sic) durante as aulas. Esta afirmação leviana acusa o docente de incidir em mais de um artigo do Código Penal! Porém quando inquirido pelos repórteres saiu-se com a desculpa esfarrapada de que em realidade “não tem certeza de ter visto o referido docente fumando maconha” (ver “O ar no porão”, in *Veja* 10/4/1991). Porém ao retificar o documento inicial o autor mantém a acusação. Afinal, prof. T. Maack, no que vamos acreditar? Fumou ou não fumou? Ou vamos continuar mentindo e fazendo acusações que já causaram contestação por parte de ex-aluno do professor acusado (conforme publicado em *Veja*, 1º/5/1991)?

O *terceiro* exemplo é quando se refere a minha atividade científica com uma lacônica

frase: “O Junqueira era o *único que sabia o que era boa ciência* se bem que *não a praticasse*”. Porém, para justificar a frase lacônica acima e descaracterizar a nítida feição de dolo evidente e revanchismo do seu artigo o prof. T. Maack teria que explicar o seguinte:

a) Como é que sem praticar a ciência, durante cinquenta anos de trabalho totalmente dedicado às atividades universitárias, consegui publicar ao redor de 120 trabalhos científicos em revistas estrangeiras do mais alto padrão inclusive inúmeras revisões e capítulos de livro?

b) Como é que publiquei seis livros, um dos quais a *Histologia básica* que, neste assunto, é o mais traduzido do mundo: treze línguas – alemão, inglês, português, espanhol, holandês, japonês, russo, iraniano, grego, italiano, francês, indonésio e servo-croata? Este livro, por coincidência, é também o *best seller* da sua especialidade nos EUA (de acordo com inquérito recentemente realizado pela Temple University), onde ocupa 45% do mercado, sendo que entre os concorrentes mais próximos está um livro do prof. emérito da Universidade de Harvard que não ocupa mais do que 20% do mercado.

c) Como é que meu trabalho científico foi reconhecido internacionalmente tendo eu recebido, entre outros, títulos honoríficos da Universidade de Harvard e Associação Americana de Anatomistas?

d) Terá que explicar por que os meus trabalhos são confirmados na literatura, sendo amplamente citados (mais de oitenta citações no *Citations Index* de 1988), demonstrando de maneira clara o seu impacto em nível internacional. Por coincidência, pesquisa recentemente feita por solicitação da FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos) revelou que sou um dos cientistas brasileiros mais citados no estrangeiro. Esta repercussão de abundantes publicações põe abaixo a fantasiosa e dolosa afirmação do prof. T. Maack de que foi o prof. M. Rabinovitch (o mesmo do motel gratuito) quem iniciou a pesquisa científica na FMUSP enquanto eu “não praticava a ciência”. Se isso fosse verdade, as publicações do prof. M. Rabinovitch (cuja atividade científica eu respeito e não quero diminuir de maneira nenhuma) teriam antecedido as minhas, como também teriam maior impacto na literatura. Tal fato não ocorreu, como qualquer pessoa – inclusive o prof. Maack – pode facilmente conferir na relação de trabalhos publicados que se segue.

RELAÇÃO DOS TRABALHOS PUBLICADOS PELO LABORATÓRIO DE FISIOLOGIA CELULAR SOB DIREÇÃO DO PROF. L. C. U. JUNQUEIRA DE 1951 A 1964

1. L. C. U. Junqueira, *Cytological, cytochemical and biochemical observations on secreting and resting salivary glands*. *Exper. Cell Res.*, 2: 327, 1951.
2. L. C. U. Junqueira, A. Sesso e L. Nahas, *Sur la nature des cellules sécrétantes de la glande parotide*. *Microscopie*, 1: 133, 1951.
3. M. Rabinovitch, L. C. U. Junqueira e H. A. Rothschild, *Influence of testosterone on nucleic acid phosphorus of rat seminal vesicle*. *Science*, 114: 551, 1951.
4. H. Rothschild e L. C. U. Junqueira, *The possible correlation between cathepsin activity and protein synthesis*. *Arch. Biochem. Biophys.*, 34: 453, 1951.
5. M. Rabinovitch, H. A. Rothschild e L. C. U. Junqueira, *Nucleic acid phosphorus in submaxillary glands of mice after duct ligation*. *J. Biol. Chem.*, 194: 835, 1952.
6. L. C. U. Junqueira, *Phosphomonoesterase content and localization in the meso and metanephros of the chick embryo*. *Quart. J. Microsc. Sci.*, 93: 247, 1952.
7. M. Rabinovitch, V. Valeri, H. A. Rothschild, S. Camara, A. Sesso e L. C. U. Junqueira, *Nucleic acid phosphorus of mouse pancreas after pilocarpine administration*. *J. Biol. Chem.*, 198: 815, 1952.
8. J. F. Fernandes e L. C. U. Junqueira, *Respiration, glycolysis and energy phosphorus compounds in secreting and no secreting rat submaxillary glands*. *Exper. Cell Res.*, 5: 329, 1953.
9. I. Mota, W. T. Beraldo e L. C. U. Junqueira, *Protamine-like property of compound 48-80 and stilbamidine and their action on mast cells*. *Proc. Soc. Exper. Biol. Med.*, 83: 455, 1953.
10. H. Haselman, L. C. U. Junqueira, K. Michel, J. R. Menezes, S. Raia e A. Sesso, *Über eine Methode zur mikrokinematographischen Untersuchungen der Sekretionsvorgänge in Pankreas der weissen Maus*. *Mikrosk.*, 8: 400, 1953.
11. L. C. U. Junqueira e H. A. Rothschild, *Studies on the relation of cathepsins to protein synthesis. The effect of hormones*. *Acta Physiol. Lat. Amer.*, 3: 247, 1953.
12. L. C. U. Junqueira e M. Rabinovitch, *Reversibility of the phenomena induced by excretory duct ligation in the rat submaxillary gland*. *Texas Rep. Biol. Med.*, 12: 94, 1954.
13. I. Mota, L. C. U. Junqueira, W. T. Beraldo e A. G. Ferri, *Action of peptone on mast cells of the dog*. *Nature*, 173: 547, 1954.
14. V. A. de Carvalho Pinto e L. C. U. Junqueira, *A comparative study of the methods for the prevention of amputation neuroma*. *Surg. Gynec. Obstetr.*, 99: 492, 1954.

15. I. Mota, W. T. Beraldo, A. G. Ferri e L. C. U. Junqueira, *Intracellular distribution of histamine*. Nature, 174: 698, 1954.
16. J. F. Fernandes e L. C. U. Junqueira, *Protein and ribonucleic acid turnover rates related to activity of digestive enzymes of pigeon pancreas*. Arch. Biochem. Biophys., 55: 5462, 1955.
17. L. C. U. Junqueira e B. Beiguelman, *Studies on the in vitro action of compound 48-80, a formaldehyde condensation product, on rat mast cells*. Texas Rep. Biol. Med., 13: 69, 1955.
18. L. C. U. Junqueira, *Aspects of the biochemistry of cell secretion*. Symposium on Cell Secretion. Ed. G. Schreiber. Instituto de Biologia, Faculdade de Filosofia, Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil, 1955.
19. L. C. U. Junqueira, G. C. Hirsch e H. A. Rothschild, *Glycine uptake by the proteins of the rat pancreatic juice*. Biochem. J., 61: 275, 1955.
20. H. A. Rothschild, G. C. Hirsch e L. C. U. Junqueira, *Electrophoretic patterns of rabbit and rat pancreatic juice and water-soluble proteins of the rat pancreas*. Symposium of Cell Secretion. Ed. G. Schreiber, Instituto de Biologia, Faculdade de Filosofia, Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil, 1955.
21. I. Mota, W. T. Beraldo, A. G. Ferri e L. C. U. Junqueira, *Action of 48-80 on the mast cell population and histamine content of the wall of the gastrointestinal tract of the rat*. Ciba Foundation Symposium on Histamine, 47 pp., 1956.
22. I. Mota, A. G. Ferri e L. C. U. Junqueira, *Action of peptone on the mast cell and histamine content of dog tissues*. Acta Haemat, 15: 409, 1956.
23. H. A. Rothschild e L. C. U. Junqueira, *Paper electrophoresis of rat pancreatic juice and water-soluble protein of the pancreas*. Nature, 178: 358, 1956.
24. L. C. U. Junqueira e G. C. Hirsch, *Cell secretion: a study of pancreas and salivary glands*. Intern. Rev. Cytol., 5: 323, 1956.
25. L. C. U. Junqueira, H. A. Rothschild e A. Fajer, *Protein production by the rat pancreas*. Exptl. Cell Res., 12: 338, 1957.
26. H. A. Rothschild, G. C. Hirsch e L. C. U. Junqueira, *Radioactive amino acid incorporation into the rat pancreatic juice proteins*. Experientia, 13: 158, 1957.
27. G. C. Hirsch, L. C. U. Junqueira, H. A. Rothschild e S. R. Dohi, *Die pankreassaft Sekretion bei der Ratte. I. Mitteilung. Die Kontinuierliche, irregulare Hungersekretion und ihre Ursachen*. Pflügers Arch., 264; 78, 1957.
28. L. C. U. Junqueira, W. L. Tafuri e C. P. Tafuri, *Quantitative and cytochemical studies on the intestinal plexuses of the guinea pig*. Exptl. Cell Res., Suppl. 5:568, 1958.
29. L. C. U., Junqueira, H. A. Rothschild e I. Vugman, *The action of atropine on pancreatic secretion*. Brit. J. Pharmac. Chemotherap., 13: 71, 1958.
30. L. C. U. Junqueira, *Developments in medical education in Brazil*. J. Medic. Educat., 34: 986, 1959.
31. A. Sesso, V. Valeri e L. C. U. Junqueira, *Action of thyroxine and cortisone on the secretory activity of the pancreatic acinar cell of the hypophysectomized rat*. Pflügers Arch., 277: 473, 1963.
32. L. C. U. Junqueira, *Consideração sobre o ensino da Histologia*. Ciência e Cultura, 16: 375, 1964.
33. L. C. U. Junqueira, G. Malnic e C. Monge, *Note on the function of the ophidian cloaca*. An. Acad. Bras. Cienc., 36: 311, 1964.
34. L. C. U. Junqueira, A. M. S. Toledo e A. Saad, *Amylase and protease activities in serum, submaxillary gland, and submaxillary saliva of rat and mouse*. Salivary Glands and their Secretions, vol. 3, pp. 105. Ed. by L. M. Sreebny and J. Meyer, Pergamon Press, Oxford, 1964.
35. L. C. U. Junqueira, A. M. S. Toledo e F. B. de Jorge, *The action of testosterone on the sodium and potassium content of submaxillary saliva in castrate rats and mice*. Salivary Glands and their Secretions, vol. 3, pp. 119. Ed. by L. M. Sreebny and J. Meyer, Pergamon Press, Oxford, 1964.
36. L. C. U. Junqueira, *On the function of the striated ducts of the mammalian salivary glands*. Salivary Glands and their Secretions, vol. 3, pp. 123. Ed. by L. M. Sreebny and J. Meyer, Pergamon Press, Oxford, 1964.

A análise desta relação mostra que em quinze anos de atividade o prof. M. Rabino- vitch publicou apenas quatro trabalhos enquanto eu publiquei trinta e seis!. Note-se que no período de nove anos, no qual o prof. T. Maack diz ter trabalhado no laboratório que eu dirigia, sob orientação de seu “mentor científico”, ele *não publicou nenhum trabalho* e ainda protesta quando foi desligado do Departamento! Deixo para a argúcia dos leitores adivinhar quais atividades desviaram a atenção do referido professor neste período. *Como o prof. T. Maack se dispõe positivamente a ignorar tudo isso fica patente o seu dolo, só explicável pela sua evidente sanha revanchista.*

3º) A carga principal à minha pessoa é a de *delator*: termo pejorativo reservado às pessoas que denunciam na surdina com finalidade de proveito próprio (*Enciclopédia Britânica*). Como não denunciei na surdina e muito menos tirei proveito próprio com a denúncia, é evidente que não me enquadro nessa categoria que juntamente com outros adjetivos faziam parte do violento patrulhamento ideológico presente naquela época que, aliás, ainda persiste, menos acentuado, até hoje.

O fato é que quando, através de inúmeros documentos e depoimentos de estudantes, me convenci que três dos assistentes na Cátedra de Histologia utilizavam a sua situação de professores universitários para pregarem teorias marxistas entre os estudantes, adverti ao corpo docente em geral e aos três especificamente que, embora não tomasse conhecimento de suas atividades fora da USP, não toleraria essa atividade na Cátedra sob minha responsabilidade. A resposta destes senhores foi concordar comigo e, deslealmente, organizar na FMUSP um grupo com estas atividades não aparentes.

A minha atitude contra a intromissão e proselitismo político nas universidades foi e é clara e pública. Foi exposta em reuniões da Cátedra, da Congregação e, mais pública, em Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência realizada naquela época, em Ribeirão Preto. Na Assembléia desta reunião foi proposto um voto de censura ao governo militar pela repressão então existente. Esta proposta foi aprovada

por mim, mas propus também que se recomendasse, simultaneamente, aos docentes universitários, que não se utilizassem de seus cargos para proselitismo político. Esta proposta gerou apuros, vaias e enorme confusão e no final a proposta inicial não foi levada adiante. Este episódio caracteriza bem o ambiente na época.

Esta minha atitude tomada em público não me trouxe proveito pessoal nenhum, a não ser o de ser vilipendiado por um grupo restrito de pessoas com as características do prof. T. Maack. O que provavelmente lhes causou mais raiva foi o fato de não me intimidar com o patrulhamento ideológico violento da época. Não me intimidei e não me intimido e se tivesse de tomar hoje uma atitude, em condições semelhantes, faria o mesmo.

4º) A bem da realidade histórica é preciso que sejam feitos reparos ao artigo em questão para que as futuras gerações não pensem que os marxistas de então tinham características e atividades universitárias semelhantes às do prof. T. Maack, o que seria uma grande injustiça. Ao lado dos trotskistas (definidos pela *Enciclopédia Britânica* como o grupo de marxistas que preconizava a necessidade da implantação universal do marxismo), houve uma maioria de professores que – apesar de suas idéias políticas, quaisquer que fossem – mantiveram uma integridade exemplar e não se utilizaram de seus cargos para a pregação política aos estudantes. Mantendo a objetividade a que me propus devo informar que o prof. T. Maack declarou recentemente à imprensa ter sido trotskista (*Folha de S. Paulo*, 1º/4/1991). Não tenho dúvida que a atividade deste grupo primeiro mencionado gerou e desencadeou a lamentável repressão e dolorosa situação que levou de cambulhadas inúmeros docentes inocentes, que foram envolvidos por associação a colegas ou então acusados por pessoas motivadas por interesses subalternos.

O artigo do prof. T. Maack aparece por coincidência justamente na época da derrocada total do regime marxista, que pela primeira vez tornou-se transparente, revelando-se caracterizado pela violenta e prolongada repressão e pelo genocídio (sessenta anos seguidos na Rússia). E é um membro desta minoria de trotskistas – que se fizeram na época surdos e cegos a esta repressão e genocídio conhecidos por todos (e portanto coniventes com este estado de coisa) e que através de suas atividades geraram e desencadearam a revolução – que tem a desfaçatez de vir agora se fazer de vítima e falar de repressão, quando em 1964 pregava e trabalhava a favor da implantação à força do regime mais repressivo e genocida deste século! Note-se o estado em que se encontram a Alemanha Oriental e Rússia para perceber do que escapamos! Não é à toa e nem surpreende a atitude de marxistas de integridade e que tiveram papel relevante nos eventos de 1964 como o prof. Luiz Hildebrando Pereira da Silva que, segundo depoimentos prestados recentemente, declara reconhecer que ele e seus companheiros cometeram erros em 1964 e declara, ainda, não concordar com aspectos do artigo do prof. T. Maack (ver *Veja* de 10/4/1991).

O que me impressiona neste artigo é que ao longo das suas páginas o autor não tenha colocado uma palavra, um pensamento, uma sugestão de idéia que revele um interesse pelo bem e evolução deste país. Esta minoria que emigrou a maior parte para o país que odiavam e criticavam implacavelmente foi lá recebida e trabalha em condições infinitamente melhores do que as daqui e, com raras exceções, recusaram-se a voltar quando lhes foram oferecidas condições de trabalho muito melhores do que as que têm os que aqui ficaram. Como se isso não bastasse quando se aposentam recebem aposentadoria americana e brasileira, contrastando com os que aqui ficaram e que tiveram as suas economias confiscadas pelo governo! Faça votos que o prof. T. Maack tenha finalmente percebido o julgamento totalmente errado que fazia dos EUA, pois do contrário continuará cuspidos nos pratos em que come...

5º) Tem-se discutido muito recentemente sobre a *ética* da imprensa e pelo que pude perceber parece-me que se faz muita ênfase sobre a necessidade de se verificar a veracidade das informações antes de publicá-las. É por exemplo o que ocorreu com a revista *Veja* e o jornal *Folha*, que fizeram real esforço para ouvir os citados no artigo em questão voltando a ouvir o prof. T. Maack em face dos depoimentos que o contradizem.

Eu mesmo fui consultado, porém me absteve de opinar, pois na época ignorava o teor do artigo.

Foi com decepção portanto que constatei que este cuidado elementar não fosse tomado pelos responsáveis da *Revista USP* que, segundo me consta, não consultaram ou tentaram apurar sobre a objetividade e veracidade das informações do prof. T. Maack.

Não me refiro aqui ao problema da qualidade e mau gosto do manuscrito por ser um problema pessoal. Com isso publicam um documento redigido em termos não condizentes com aquilo que me acostumei a ler na *Revista USP*, abrindo um precedente que duvido ser de interesse e benefício ao bom nome desta revista.

Fui informado também, por parte da *Revista USP*, que o prof. T. Maack retificou recentemente trechos do seu artigo e que esta retificação foi aceita e que devo entregar o meu texto até o dia 10 de maio.

Protesto contra essa retificação de um documento cujo conteúdo foi dolosamente vazado da *Revista USP* e por este fato não apareceu nenhum responsável.

A versatilidade do prof. T. Maack que acusa, diz, desdiz e depois reafirma o inicial como demonstrei no caso do fumante de maconha me levou a me fixar na análise da sua primeira versão, pois quem me garante que não teremos outras versões. Afinal chega de irresponsabilidades.

É rotina julgar as atividades de um professor universitário pelo seu currículo, único critério objetivo universalmente aceito e adotado. Conseqüentemente, assim que tomei conhecimento do artigo em questão solicitei que fosse pedido ao prof. T. Maack uma cópia do seu currículo a fim de fornecer aos leitores a oportunidade de comparar o meu com o dele e tirar suas conclusões. Como até agora não recebi cópia, este cotejo não é possível.

Em resumo sinto que o assunto a que se refere o título do artigo em questão é importante e merece um tratamento sério, objetivo e não suscetível a retificações do autor. Em vez disso estamos diante de páginas de ressentimentos pessoais sem uma idéia ou palavra construtiva.

Perdeu-se assim a oportunidade de oferecer ao público um documento que merecesse credibilidade e respeito, que apresentasse aspectos construtivos e dignificassem as atividades da Revista USP. É lamentável constatar que isso poderia ter sido evitado se a ética jornalística corrente neste país tivesse sido adotada.

Ao reler pela última vez estas páginas lembrei-me de uma frase de Dom Quixote: “*Ladran, Sancho, señal que cabalgamos*”. Sei que pessoas pertencentes a uma minoria que quer impor seus pontos de vista a qualquer custo continuarão com as invectivas habituais. Para eles só tenho um recado: desistam porque continuarei “*cabalgando*”. Quem sabe ao prof. T. Maack sirva de consolo saber que, aos setenta anos, não tenho muito tempo para poder continuar “*cabalgando*”, porém, quando não mais puder, vou convicto de que fiz algo pela educação e ciência neste país e fora dele.

Cordialmente,

L. C. U. Junqueira

São Paulo, 8 de maio de 1991

Prezados Senhores:

Tendo em vista a publicação em jornais e revistas de São Paulo de trechos de uma carta do professor Thomas Maack que seria publicada na *Revista USP*, e que acusava vários ex-professores da Faculdade de Medicina da USP (a maioria Professores Eméritos) de “medfocres” e “incompetentes”, levantou-se grande reação de desagravo àqueles professores, diante das calúnias e inverdades ali inseridas. Motivou também a convocação de uma reunião da Associação dos Professores Eméritos da Faculdade de Medicina da USP (APE), para analisar os dizeres daquela carta.

Vários dos professores acusados já falecidos, e que constituíam exemplos de dedicação ao ensino e à ciência médica brasileira como o prof. Edmundo Vasconcellos e o prof. João Alves Meira, foram injuriados pelo autor da missiva.

Entre os que felizmente ainda vivem, como o prof. Antônio Dácio Franco do Amaral, acusado – “por medo ou ciúme profissional” – e o prof. Charles Edward Corbett, exemplo de dedicação ao ensino, defendido por várias pessoas e colegas não-pertencentes ao corpo docente da Faculdade de Medicina, cuja competência atestam o seu *curriculum vitae* e seu *Tratado de Farmacologia*, livro-mestre dos estudantes e médicos brasileiros.

Como Presidente da Associação dos Professores Eméritos da Faculdade de Medicina

da USP, venho protestar contra aquelas acusações, não compreendendo por que, após tantos anos passados, vem o missivista, vítima da sua cor política, com insinuações aleivasas contra os seus antigos professores, que, segundo ele, eram “medfocres e incapazes”, esquecendo-se de que foram esses mesmos professores que o prepararam adrede, para um dia alcançar o alto posto de “Full-Professor” da Universidade de Cornell em Nova York.

Juntamente segue a defesa de próprio punho do prof. Charles Edward Corbett.
Com os agradecimentos pela atenção dispensada à presente subscrevo-me,

Paulo Braga de Magalhães
Presidente da Associação
dos Profs. Eméritos da

São Paulo, 10 de abril de 1991

Prezados Senhores:

Faço esta declaração compelido por circunstâncias desairosas – no atinente à minha atuação como docente da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) – divulgadas por Thomas Maack em notficia jornalística (*Folha de S. Paulo*, pp. 4-3) aos 31 de março de 1991.

Dispensio comentários sobre sua alegação de que meu nível de ensino era “medfocre”, conquanto meu Currículo Universitário demonstre o oposto. Por isso, apenas me aterei à referência de que eu “fumava maconha nas aulas com o intuito de demonstrar que a erva não era tão maldita quanto se falava” (sic) e que eu “gastava” o meu e o “nosso tempo com demonstrações não-científicas sobre a maconha” (sic).

Após me consultarem pelo telefone, a própria *Folha de S. Paulo* (1/4/1991) e *O Estado de S. Paulo* (2/4/1991) noticiaram, usando minhas expressões, que esta crítica que me foi feita por Thomas Maack “em tudo é mentira e falso”.

A fim de aclarar devidamente este deplorável evento, pormenorizarei a realidade dos fatos.

1) No início da década de 40 (ao que me lembro em 1941), o prof. Jayme Regallo Pereira – que era o “Catedrático de Farmacologia” na FMUSP – planejou um estudo científico sobre a “Maconha” e pediu-me para que eu, na época seu mero “assistente”, fumasse a maconha, pois ele desejava observar os efeitos porventura provocados. Aceitei o seu pedido e, então, reunidos reservadamente em seu escritório, atendi à sua solicitação enquanto ele ficava me observando concentradamente e ouvindo o que eu lhe informasse sobre qualquer efeito que sentisse.

Esta foi minha única participação no estudo que estava sendo realizado pelo prof. Jayme Regallo Pereira e, contrariamente ao que Thomas Maack referiu, nunca ministrei qualquer experimentação laboratorial com a maconha e, pelo tanto, jamais ministrei, aos meus alunos, “aula prática” sobre o assunto.

Todavia, o próprio prof. Jayme convidou uns poucos funcionários do Departamento de Farmacologia por ele dirigido para submeterem-se ao mesmo teste, confirmando o que ele observara em mim.

2) Em 1944, o prof. Jayme Regallo Pereira recebeu, com a apresentação do seu trabalho sobre “Maconha”, o Prêmio Orlando Rangel pela Academia Nacional de Medicina.

Este trabalho foi publicado em 1945 e ensinou, em um jornal do Rio de Janeiro, a crítica de que o prof. Jayme Regallo Pereira utilizara um seu assistente, que havia sido eu, como “cobaia”!

3) Nunca abordei pessoalmente a matéria em pauta em qualquer preleção, teórica ou prática.

4) O surpreendente neste caso, porém, é que – conforme averigüei atualmente – o Thomas Maack graduou-se nesta Faculdade em 1961, nela tendo ingressado em 1956. À vista disso, resulta implícito que o Thomas Maack tornou-se estudante de Medicina onze anos após a divulgação do trabalho do prof. Jayme Regallo Pereira. Conseqüentemente, os episódios em que participei “como cobaia” (sic) ocorreram quando o Thomas Maack ainda era um menino e, por isso, não assistiu a nenhum fato a que ele, grosseiramente, se referiu em sua carta, incidindo numa “deplorável calúnia”.

Charles Edward Corbett